



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: MARCA IDENTITÁRIA DA CULTURA SURDA BRASILEIRA.

Daisy Mara Moreira de Oliveira (UFS)

Mestranda em Antropologia Social

Dayseoliveira01@hotmail.com

Derli Machado de Oliveira

Doutorando em Lingüística Aplicada (UFRN)

Derli_machado@hotmail.com

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – recebeu o status de L1, ou seja, primeira língua da minoria surda brasileira através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Fato que se deu pelo esforço e conquista da comunidade surda no Brasil, após anos de empenho em prol do reconhecimento de sua língua materna diante da língua majoritária de nosso país – o Português. Porém, este percurso não se deu de maneira pacífica, mas com resistência. Marcado entre outras coisas pela diferença. Sobre a diferença diz Skliar (2010, p. 6):

A diferença, como significação política, é construída historicamente e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistência as simetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante.

Como bem colocou o autor citado, esta construção histórica da diferença como significação política ocorreu com os movimentos empreendidos entre as décadas de 1950 a 1960. Partiu primeiramente como iniciativa de pesquisadores ouvintes, que tinham como objetivo a observação do modo próprio de ser dos surdos e de sua maneira específica de comunicação e interação com seus pares. Strobel (2008, p. 46) cita alguns pesquisadores importantes no processo de reconhecimento da língua de sinais neste período da história:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A língua de sinais é transmitida nas comunidades surdas e, apesar de por muito tempo na história dos surdos ter sofrido a repressão exercida pelo oralismo, a língua de sinais não foi extinta e continuou a ser transmitida, de geração em geração, pelos povos surdos com muita força e garra. [...] A partir da década de 1950 iniciaram-se estudos aprofundados sobre as línguas de sinais como, por exemplo, William Stoke (1965) e, no Brasil, os ouvintes Lucinda Ferreira Brito (1986), Ronice Quadros (1995; 2004), Tanya Felipe (2002) [...].

Nestes movimentos o que se pretendia era aniquilar com o pensamento historicamente produzido pela medicina, que era a visão do surdo como um ser deficiente, para promover outro olhar – a do ser diferente. Souza & Góes (1999, p. 169) fala sobre o movimento sócio-antropológico que surgiu nesta época como iniciativa de linguistas, pedagogos, antropólogos e dos próprios surdos contra a colonização exercida pela cultura dominante ouvintista:

Uma perspectiva sociolingüística/Antropológica na educação dos surdos impõe, obrigatoriamente, uma total ruptura com os modelos clínicos terapêuticos, e que ainda perpassam que as discussões pedagógicas, mesmo entre aqueles que dizem defender um ensino bilíngüe. Requer, portanto uma total ruptura com os mecanismos de poder e de controle dos saberes, os quais revitalizam o idealismo iluminista, transforma surdos em ouvintes que não ouvem, e portanto negam as diferenças culturais.

Posteriormente, a partir da década de 1980, os próprios surdos se mobilizaram na defesa de seus direitos como o respeito a sua cultura, sua língua e sua cosmovisão. Assim, o movimento surdo foi ganhando força e abrindo espaço através de pesquisadores, desta feita, empreendidas por alguns líderes surdos (BURKE, 2005).

O objetivo deste artigo é analisar o discurso produzido na atualidade por surdos brasileiros, em especial o da escritora surda Karin Strobel¹, no qual destaca a Libras como um dos principais atributos identitários da cultura surda.

¹ Karin Lilian Strobel é presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis). Surda desde os quatro dias de vida, Karin venceu as dificuldades impostas por uma educação excludente: é pedagoga, especialista em áudio-comunicação e doutora em Educação. Nascida em Curitiba, atuou por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Strobel ressalta que mais do que apenas o reconhecimento à “diferença cultural do povo surdo”, é necessário aos ouvintes perceberem “a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e de se relacionar” (STROBEL, 2008, p.11). Constata-se, porém, que na sociedade brasileira, assim como em outras em todo o mundo, há um desconhecimento no que se refere não só à cultura, mas também à língua utilizada pela comunidade surda. E esse desconhecimento faz com que muitos concebam os sinais como mímica gestual ou uma forma de imitação de outra língua, sem estatuto de língua. O não conhecimento da língua de sinais como língua natural dos surdos contribui para gerar uma série de falsos conceitos, como considerar que indivíduos surdos são inferiores.

Assim, a partir deste breve histórico acerca do percurso da cultura surda e da importante participação dos próprios surdos na busca de sua identidade e da preservação cultural, busca-se nas próximas seções a compreensão do que vem a ser a Língua Brasileira de Sinais e o discurso surdo atribuído a esta língua como uma dos principais atributos da cultura e identidade surda.

1. A língua de sinais como marca da identidade surda

Embora os surdos nasçam inseridos em uma determinada cultura, como no caso do surdo brasileiro que partilha dentre outras coisas de uma identidade nacional comum, eles alegam que por não poderem interagir com o meio nos quais se inserem (ouvintista) e devido ao fato da incomunicabilidade, que é próprio da surdez, não conseguem receber através da oralidade o repasse cultural, uma vez que uma das vias de maior repasse cultural é a língua. Através desta o ser humano transmite suas “crenças, os valores e os conteúdos culturais se concretizam no comportamento lingüístico” (MOTA e SANTOS, 2006, p. 362).

10 anos como assessora pedagógica no Paraná, viajando por todo o Estado ministrando palestras e cursos sobre educação surda. (http://www.feneis.org.br/page/noticias_detalhe.asp?cod=783. Acesso em 13/10/10. Às 17:56)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A partir do entendimento da impossibilidade da comunicação oral entre ouvinte/surdo, da importância do conhecimento da sua cultura e do que denominam de identidade surda, os escritores surdos vêm tomando a iniciativa de, através da literatura, fazer conhecer e fortalecer a sua cultura.

Muitas pessoas por desinformação pensam que a língua de sinais é composta por gestos que tem como finalidade a interpretação da língua oral. Porém os pesquisadores linguistas atribuíram a LIBRAS o status de língua por entenderem que esta apresenta características semelhantes às outras línguas, como as diferenças regionais, sócio-culturais e sua própria estrutura gramatical bem elaborada. Por exemplo, o que se denomina na língua oral como “palavra”, ou item lexical, em LIBRAS é denominado de “sinal”. Como toda língua, a LIBRAS também não é estática, acontecem mudanças como aumento de vocabulário, ou mudança de algum sinal, quando a comunidade que o utiliza assim concorda em fazê-lo. BOTELHO (2005, p. 21) explica o porquê da língua de sinais ser considerada inferior a língua falada:

Este equívoco vem sendo mantido porque na situação interativa entre surdos e ouvintes há um mercado de bens lingüísticos [...], no qual a língua é autorizada e legitimada, enquanto a língua de sinais é desprestigiada e classificada como arremedo de língua, sistema grotesco, simiesco e primitivo, já que esse mercado é de caráter logocêntrico.

Para um melhor entendimento sobre a Língua Brasileira de Sinais, é necessário conhecer a importância da Língua Materna, ou L1. A língua materna é aquela que o sujeito aprende em contato com o meio social. É a primeira língua a que o sujeito tem acesso, ou seja, no caso de ouvintes brasileiros o Português, para os surdos, a LIBRAS. A aquisição dessa língua materna denominada pelos linguistas de L1 é fundamental para que o indivíduo possa adquirir novos conhecimentos através da interação com o outro. Costa (2007, p.1) afirma que:

A melhor forma de desenvolvermos a linguagem é interagindo com os outros, pois a comunicação é a finalidade primeira da linguagem. Na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

interlocução enriquecemos o nosso léxico, aprimoramos a nossa capacidade de compreensão ao procurarmos entender o outro, e somos obrigados a organizar constantemente nosso pensamento a fim de sermos compreendidos. Ao mesmo tempo, entrarmos em contato com novos conceitos e termos a oportunidade de explicar nossas dúvidas. Uma vez que a linguagem se realiza através de uma língua (qualquer que seja sua natureza: fala, língua de sinais), o domínio desta é especial para a aprendizagem de uma pessoa.

Devido ao fato do ser humano ser dotado da capacidade de desenvolver a linguagem, ou seja, de se comunicar através de um sistema de signos-língua, e diante da importância que esta linguagem tem para a aquisição do conhecimento/leitura de mundo, é que enfatiza-se a necessidade de que o surdo desde a mais tenra idade esteja em contato com a L1, e conviva em meio social que utilize esta língua, favorecendo o seu conhecimento de mundo e desenvolvimento cognitivo-psicológico ajustado, como bem coloca Rinaldi:

O que é importante frisar é que a estruturação linguística-cognitiva veiculada por uma língua natural, só é possível ocorrer de forma natural para surdos se for por meio de uma língua espacial-visual. Essa estrutura é justamente, em termos lingüísticos, aquilo que permite o que Paulo Freire chamou de “Leitura de mundo”, que segundo ele, antecede a leitura da palavra. Se não houver uma leitura de mundo, não haverá compreensão e produção de texto. Sem um apoio de uma língua materna, não haverá estruturação linguística-cognitiva acima mencionada. Para surdo, o Português falado dificilmente será sua língua materna naturalmente adquirida. (RINALDI, 1997, p.156)

De acordo com a citação acima, percebe-se que a língua de sinais é de fundamental importância para o indivíduo surdo no que tange a construção de sua leitura de mundo, bem como para a sua integração na sociedade.

Apesar do reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais, fica claro que o êxito no direito do surdo ao uso de sua língua materna, torna-se na prática social motivo de confrontos, disputas e discriminação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Todo este panorama de conquista histórica do surdo por reconhecimento de sua língua e como esta se efetiva na sua interação em sociedade é um tema pouco explorado na atualidade pela antropologia, daí a importância de pesquisadores se debruçarem sobre esta temática para registrarem este percurso de criação do que denominam de cultura surda e do uso de sua língua como atributo identitário.

Neste sentido, buscou-se nesta pesquisa, primeiramente, nos pressupostos teóricos da sociolinguística, fazer uma reflexão sobre as relações entre língua e sociedade, para posteriormente refletir antropologicamente sobre o discurso identitário produzido por surdos brasileiros.

2. Contribuição da sociolinguística no estudo da relação entre língua e identidade

Guisan (2009, p. 17) afirma que atualmente a pesquisa da sociolinguística enfatiza em particular a função “identitária das línguas, e os mecanismos que instrumentalizam essas línguas na construção dos mitos sobre os quais se fundamentariam as identidades coletivas”. Para este linguista, quando se vincula língua com identidade está implícito entre estas duas instâncias outra palavra – alteridade. Isto devido ao próprio cunho do discurso identitário estar impregnado da marca da diferença, ou seja, sou o que o outro não é.

Embora muito já se tenha escrito sobre o conceito de língua e das categorias de denominação a elas atribuídas como dialetos, socioletos e outros, o referido autor ressalta que ainda há dificuldade de se falar sobre este tema. Em linhas gerais, essa dificuldade consiste em três fatores: primeiramente, devido ao fato da língua ser um produto cultural. O segundo fator diz respeito ao fato das línguas serem sistemas condicionados aos universais da mente humana; e por fim, devido ao seu caráter ideológico. Neste último, ressalta-se a utilização da língua como um elemento de fundamental importância tanto no âmbito individual quanto no de comunidades na construção e afirmação identitária. Ao explicar o vínculo existente entre língua e identidade, o autor ressalta:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Entretanto, importa lembrar que o Outro preenche um papel essencial na definição da identidade do próprio sujeito; conseqüentemente, a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua, já que é considerada como elemento da identidade coletiva. Daí a eleger o Outro e a sua língua como ameaça para a “pureza”, há apenas uma etapa rapidamente percorrida na história dos nacionalistas em particular, e dos etnocentrismos e racismos, onde o desprezo através da representação das outras línguas alimenta os preconceitos em geral. (GUISAN, 2009, p. 18)

Percebe-se, assim, que o vínculo existente entre língua e identidade se configura no fato de que é através da língua de uma coletividade que os sujeitos imprimem sua identidade, dizendo melhor, “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela auxilia a proposta de que o discurso apresenta o mundo” (ZÁGARI, 2006, p. 66).

No discurso identitário do surdo constata-se a utilização da língua de sinais como maior atributo da diferença entre este e o outro - no caso os oralizados, tornando a língua uma forma da marcação da diferença entre surdo-ouvinte. Desta maneira o surdo se define como sujeito social com identidade própria que busca ser respeitado e valorizado em suas particularidades culturais e lingüística diante da sociedade majoritária ouvintista.

Numa visão político-histórica, cada grupo linguístico, ao dominar uma determinada língua, define sua própria identidade de pertença a um coletivo. Daí, qualquer língua que se lhe imponha produz o que Guisan (2009) chama de ameaça a “pureza”. Este tipo de ameaça produz o desprezo e preconceito às outras línguas.

Entende-se, assim, que a grande dificuldade em aceitar a língua de sinais, tanto no Brasil quanto em outros países, se deu pelo fato destas minorias linguísticas se encontrarem inseridas num contexto em que já havia uma língua eleita com status de nacionalidade, e por isto imposta socialmente e hierarquicamente com atributo de língua “superior”. No caso aqui tratado, o Português, sobrepondo-se à língua de sinais como majoritária.

Acerca da hierarquização das línguas, verifica-se que são classificadas como dialetos, socialetos e outros, que segundo Guisan (2009, p. 20) nada mais é que uma maneira de moldar a identidade dos indivíduos socialmente falando. Afirma o autor: “o nome atribuído às línguas, longe de ser inócuo, resulta em um projeto que visa a moldar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

as representações identitárias dos indivíduos dentro de determinada sociedade”. Ao ser criado estas categorias linguísticas são proporcionadas a umas um melhor prestígio em detrimento de outras, como também, um poder da que recebe melhor valor sobre a outra, atribuindo ao usuário desta língua tida como inferior um status semelhante.

Assim, por um período grande na história dos surdos, a língua de sinais foi considerada não como língua de comunicação entre os surdos, mas como mímica. E seus usuários – os surdos, como inferiores aos ouvintes. Só a partir do reconhecimento da Libras como L1 para os surdos brasileiros através da Lei 10.436 de 22 de abril de 2002, que estes indivíduos vêm se fortalecendo enquanto cultura específica e afirmando ser sua língua o seu maior atributo identitário. Strobel (2008, p. 44), em seu livro intitulado *As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda*, afirma:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

No discurso da autora surda, objeto de pesquisa deste artigo, vê-se a nítida relação que é feita entre língua e identidade. E neste caso salientada como principal marca identitária capaz de produzir através da visão a transmissão das experiências vivenciadas por este grupo minoritário, ou seja, compartilhamento que é realizado entre a comunidade surda onde a interação acontece em âmbito grupal, bem como o fortalecimento identitário através do uso de uma língua própria. Já num outro viés acontece através da língua materna a aquisição dos conhecimentos numa visão macro – os estabelecidos universalmente.

A obra da escritora surda Strobel (2008) parece ter um caráter específico de informação ao leitor, surdo e ouvinte, no sentido de que os surdos são um “povo”, como os mesmos se identificam, com cultura própria e em busca de afirmação de identidade.

Como forma de enriquecer o seu discurso, a autora utiliza-se de vários depoimentos de sujeitos surdos, mostrando que este processo de reconhecimento e respeito à cultura surda, grupo minoritário, frente à sociedade majoritária ouvintista, vem passando historicamente por um processo de reivindicações e opressão. Por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

exemplo, quando Strobel se refere aos ouvintes como possuidores de cultura dominante que impuseram aos surdos estereótipos de incapazes ou mesmo através da imposição cultural ouvintista:

Essa agressão contra a cultura surda pode levar a conflitos das identidades surdas e desvalorização de suas diferenças. Entretanto, neste livro, há narrativas das experiências vivenciadas dos sujeitos surdos, as suas resistências contra a opressão cultural, similar de um autêntico povo que luta pela cultura, pois através dela que os sujeitos asseguram a sua sobrevivência e afirmam as suas identidades. (STROBEL, 2008, P. 11). (Grifo nosso)

Nesta citação, percebe-se que os surdos identificam-se como povo com cultura e língua específicas que, através do confronto com o ouvinte, afirmam-se identitariamente. Para o entendimento deste argumento, faz-se necessário analisar a relação entre identidade e cultura presente no discurso do surdo sob a ótica antropológica.

3. O discurso Identitário surdo à luz da Antropologia

Ao abordar os termos cultura e identidade, Agier (2001, p. 7) ressalta que a mundialização ao mesmo tempo em que coloca em questão as fronteiras territoriais, gera também uma dissociação entre lugares e cultura, o que vai culminar num processo de perda identitária que, por conseguinte, faz surgir novos contextos identitários. Especificamente sobre a palavra cultura, utiliza-se de uma terminologia da ciência: híbrido, para explicar o quanto a cultura na atualidade está dominada “pela problemática da identidade, que se enuncia cada vez mais como uma identidade cultural”. Porém, a proposta do autor é justamente o de criar uma nomenclatura diferente, ou seja, “culturas identitárias”.

Ao utilizar o termo “culturas identitárias”, Agier demonstra o caráter interrogativo, peculiar da busca de identidade individual, quando o sujeito se pergunta: quem sou eu diante de uma coletividade tão diversa? E ao mesmo tempo responde as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

demais vozes que igualmente buscam fundamentar-se enquanto comunidade. Ainda acrescenta que a identidade individual acompanha a coletiva e

Transforma a relação de força entre identidade e cultura: no campo, hoje em dia, o etnólogo encontra-se muito mais freqüentemente diante de culturas identitárias em formação do que perante identidades culturais totalmente prontas, as quais ele teria apenas que descrever e inventariar. A cultura declarativa torna-se o agregamento da declaração de identidade, que é a forma de existência social da identidade. (AGIER, 2001, 23).

Através da exposição acima, pode-se começar a entender o posicionamento dos surdos no que concerne à busca do reconhecimento cultural no sentido inverso proposto por AGIER, ou seja, a cultura surda poderia se encontrar nesta categoria de “culturas identitárias em formação” como sugere o autor, e que por isso, muito mais difícil de descrever ou inventariar, pois não é algo dado, acabado ou pronto, mas em construção. Quando os surdos declararam possuir uma cultura, há conseqüentemente um agregamento da declaração da identidade, e é esta que dará vida a identidade socialmente falando.

O mesmo autor afirma que existe uma relação entre cultura e identidade, e que esta vem sendo o objeto de estudo de antropólogos renomados como Lévi-Strauss, Frederick Barth, dentre outros, desde as décadas de 1960/1970. Afirma ainda que a antropologia das identidades tem como prática a abordagem do seu objeto de quatro formas diferentes: a primeira delas se refere à abordagem contextual, ou seja, “os processos identitários não existe fora de um contexto, são sempre relativos ao algo específico que está em jogo” (AGIER, 2001, p. 9). A segunda concepção é a relacional, sobre esta diz o autor: “com efeito, o ponto de partida das buscas de identidade individuais ou coletivas é o fato de que somos sempre o outro de alguém, o outro de um outro” (AGIER, 2001, p.9). A terceira refere-se à construtivista, sobre esta abordagem o autor afirma que:

A realidade é “construída” pelas representações dos atores e esta construção subjetiva faz parte ela própria da realidade que o olhar do observador deve levar em consideração. A abordagem construtivista da identidade vai mais longe que a simples recontextualização da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

questão. Dois momentos podem ser distinguidos na análise: por um lado a necessidade experimentada por alguns grupos, categoria ou indivíduos de edificar, nesse ou naquele contexto, fronteiras simbólicas (é o momento da identidade); por outro, o processo dessa edificação ela própria, ou seja, o momento da criação cultural, que se define sempre no quadro precedente. É esse processo que Barth descreveu como as “construções sociais das diferenças culturais”. (AGIER, 2001, p. 11). (Grifo nosso)

Deve-se destacar da citação acima a importância do olhar do observador para a subjetividade implícita na construção da realidade, pois esta observação constatará o que está visível nas representações do grupo. Em primeiro lugar, o que se pode visualizar através da observação seria o discurso dos surdos, no qual certamente está implícito a subjetividade de como através do tempo eles vêm construindo este pensamento cultural surdo. Seriam as diferenças entre ouvinte e surdo, no que concerne ao modo de ver o mundo, a luta pela conquista de uso da língua de sinais, a identificação com seu igual – surdo/surdo que os fizeram se sentir diferentes do ouvinte?

A última abordagem citada pelo autor é a situacional, e sobre esta é ressaltado a necessidade de uma observação mais minuciosa sobre as interações e situações que ocorrem entre os sujeitos, do que propriamente sobre aquilo que temos como representações culturais primárias das culturas, ou agentes de destaque nestas culturas que podem servir como modelo de ação destes atores.

O que se observa na relação entre os indivíduos surdos certamente não é algo como podemos ver como argumento cultural utilizados por outros grupos como de ligação consanguínea, estética - cor de pele, ou territorial. O que vem marcando esse grupo de indivíduos também não é a deficiência auditiva em si, mas a interação que ocorre entre os mesmos através da Língua Brasileira de Sinais que proporciona a estes um sentimento de pertencimento grupal, bem como coloca Strobel (2008, p. 24) sobre o sujeito surdo ao dizer: “o importante para eles é o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e cultura surda que ajudam a definir suas identidades surdas”.

Outro autor que contribui na reflexão identitária é Stuart Hall (2005). Ao abordar o tema da crise de identidade na teoria social em sua obra intitulada *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, o autor atribui esta mudança estrutural ao fato de que as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

velhas identidades, que eram o que estabilizava o mundo social, na pós-modernidade estão sofrendo um declínio, e este fator vem proporcionando o surgimento de novas identidades, só que o indivíduo outrora estável, agora na modernidade, apresenta-se como um ser fragmentado. Hall (2005, p. 9) atribui este “colapso” ao seguinte fator:

Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fraguimentando as paisagens culturais da classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Supõe-se que os surdos podem ter ou estar passando por esta fase de mudança própria do homem moderno, que se questiona a todo o momento frente às mudanças sociais constantes em todos os níveis citados acima. Ao perceber que está inserido numa cultura da qual não se sente parte, que não compartilha dos mesmos sentimentos morais, e de visão de mundo ocorreria este duplo deslocamento. O autor aponta ainda três concepções de identidade: a primeira baseada no iluminismo em que o sujeito já nascia portador desta identidade que não se modificava ao longo do tempo, ou seja, o sujeito possuía um centro, ou eu, identitário.

A segunda concepção é a de sujeito sociológico, elaborada pelos interacionistas, que não negavam a existência do eu, mas que este núcleo interior do sujeito era modificado a partir da interação deste com os outros, constituído os valores, a cultura, os sentidos. E por fim, a última concepção é a do sujeito pós-moderno, ao qual é atribuída uma mobilidade, por não apresentar uma identidade fixa, essencial ou permanente. Acerca desta última identidade Hall a caracteriza como sendo “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13).

Ainda numa outra explanação sobre o tema sob o título *Quem precisa de Identidade*, o autor ressalta que a identidade, embora pudesse estar atrelada a uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

origem histórica da qual poderíamos sempre buscar semelhanças, correspondências, ela tem muito mais a ver com

questões da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas naquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos”, ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com a questão “quem nós poderemos nos tornar”, “como nós temos sido representados”, e “como essa representação” afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual ela nos obriga a ler não como uma incessante reiteração, mas como “o mesmo que se transforma”: não o assim chamado “retorno as raízes”, mas uma negociação com nossas rotas. Elas surgem da narrativa do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertinência, ou seja, a “situação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao mesmo, no interior de um campo fantástico. (HALL, 2008, p. 109) Grifo nosso.

Na citação fica claro como nos apropriamos das questões históricas, de linguagem e da cultura para através dessas desenvolvermos negociação com nossas rotas passadas, podendo assim nos sentir parte, forjando nossa identidade no imaginário. Ao que me parece, este texto justifica o discurso da escritora surda Strobel (2008) quando diz que uma das características identitárias dos surdos seria o compartilhar da mesma história a qual atribui um capítulo do seu livro intitulado *História Cultural: novas reflexões sobre a história dos surdos*.

Neste capítulo, a autora afirma que o percurso histórico do povo surdo era contada por ouvintes nos moldes tradicionais, segundo a autora, não condizia com a realidade vivida pelos sujeitos surdos nas várias instituições sociais como a familiar, a social e religiosa. Mas que a verdadeira história cultural dos surdos seria “localizada nos discursos das associações de surdos, de professores surdos, de sujeitos surdos bem-sucedidos, de sujeitos surdos líderes, da pedagogia surda, de movimentos políticos dos surdos e outros” (STROBEL, 2008, p. 88).

Voltando a escrita de Strobel (2008), percebe-se que a autora utiliza dois termos: “colonizado”, atribuído ao surdo, e “colonizador”, ao ouvinte. Esta comparação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

realizada pela autora diz respeito ao contexto das lutas travadas entre surdos e ouvintes, como por exemplo, da recusa pelo surdo da caridade e proteção paternalista dos ouvintes, atribuindo a estes um caráter de doente, anormal. Bem como, dos ouvintes ao rejeitarem sua forma de comunicação, língua de sinais, forçando-os a oralidade. Esclarece ainda que na história tradicional os nomes citados são de “defensores ouvintes” das causas dos surdos, em detrimento dos nomes de surdos que fizeram diferença na história. Ainda complementa afirmando que:

Antes a história dos povos surdos não era reconhecida, os sujeitos surdos eram vistos como deficiente, anormais, doentes ou marginais. Somente depois do reconhecimento da língua brasileira de sinais, das identidades surdas e, na percepção da construção de subjetividades, motivada pelos Estudos Culturais, é que começaram ganhar força as consciências político-culturais. Em determinado momentos, quando a luta por posições de poder ou pela imposição de idéias revela o manifesto político cultural dos povos surdos. (STROBEL, 2008, p. 90)

Percebe-se, através do discurso surdo, a importância deste passado histórico de origem comum como requisito para afirmação identitária cultural surda, bem como da importância do reconhecimento legal que atribuiu a LIBRAS o status de língua, alavanco um reconhecimento e respeito nacional a estes sujeitos e sua forma própria de comunicação. Desta forma, relendo este passado histórico, os surdos podem renegociar suas identidades, que neste caso, emergiram no “jogo de modalidades de poder e são, assim, mas o produto da marcação da diferença e da exclusão do que do signo de uma unidade idêntica” (Hall, 2008, p. 109).

Conclusão

A identidade pode ser evocada tanto pelo próprio indivíduo, como pelo grupo do qual faz parte. A palavra utilizada no momento encontra-se no plural – identidades. Portanto, temos várias identidades, a depender do papel que desempenhamos no grupo que estamos inseridos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Foi a partir destas constatações, que se desenvolveu a análise do processo de busca da comunidade surda por sua própria identidade e respeito a sua cultura, a partir do discurso da escritora surda Strobel (2008), a qual deixa claro a importância da língua de sinais como uma das principais marcas da identidade surda.

Embora o movimento surdo tenha iniciado na década de 1960, ou seja, há 40 anos, percebe-se que ainda hoje o desconhecimento da sua cultura, e língua ainda é uma realidade em alguns estados brasileiros. A literatura na área da Antropologia sobre o tema é escassa se compararmos a outros temas. Geralmente a maior parte desta literatura encontra-se na área educacional, com a abordagem do tema deficiência.

Acreditamos que a abordagem do tema identidade surda não é relevante e de interesse apenas para os surdos, mas principalmente para que nós, ouvintes do meio acadêmico, possamos conhecer melhor este discurso identitário e reivindicação ao reconhecimento da cultura surda. Trazendo este novo “nativo” que surge na pós-modernidade – o surdo, temos o interesse de nos aprofundarmos melhor neste tema e assim contribuir na pesquisa antropológica da atualidade.

Bibliografia

AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização**. Mana. Vol. 7, n. 2. Rio de Janeiro, out. 2001.

COSTA, Doris Anita Freire. Artigo: *Fracasso Escolar: diferença ou indiferença*. Comentários@psicopedagogia.com.br. Terça, 17 de julho de 2007. Acesso em: 14/02/2011.

BURKE, Peter. **O que é história Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GUISAN, Pierre. Língua: a ambigüidade do conceito. In: Salgado, Ana Cláudia Peters. **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jurgen Heye**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____, **Quem Precisa de Identidade**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOTA, Kátia Maria Santos e SANTOS, Lúcia Brito dos. **Línguas e culturas Africanas: valores, crenças e atitudes circulantes na sala de aula**. In: MOTA, Kátia e SCHEYERL, Denise. *Espaços Linguísticos: Resistências e Expansões*. Salvador: EDUFBA: Instituto de Letras, Departamento de Letras Germânicas, 2006.

RINALDI, Giuseppe (Compilador). **Educação especial, deficiência auditiva**. Brasília: Mec/ Unesco, 1997.

SOUZA, Maria Regina; GÓIS, Maria Cecília. *O Ensino para Surdos na Escola Inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão*. In: SKILIAR, Carlos (Org). **Atualidades da Educação Bilíngüe para Surdos**. Volume I. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STROBEL Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

SKLIAR, de Carlos de. (Org.) **A surdez: um olhar sobre a diferença**. 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. *O uso do presente na fonética/ Fonologia do português para explicar o passado*. In: Salgado, Ana Cláudia Peters. *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jurgen Heye*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.